

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RONDÔNIA

CENTRO INTERDISCIPLINAR
DE ESTUDO E PESQUISA DO
IMAGINÁRIO SOCIAL



REVISTA LABIRINTO
ANO XVIII
VOLUME 26
(ABR-JUN)
2017
PP. 142-170.

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS E A TOLERÂNCIA RELIGIOSA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA AÇÃO MISSIONÁRIA MÓRMON NA CIDADE DE PARINTINS (AMAZONAS)

Marcos Adalberto Soares Maiaⁱ

Graduado em História pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA

Diego Omar da Silveiraⁱⁱ

Docente da Universidade do Estado do Amazonas – UEA

RESUMO

O processo de diversificação religiosa do Amazonas comporta grupos alternativos àqueles geralmente observados nas pesquisas, a saber, católicos e evangélicos. Desde os anos 1960, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias também se estabeleceu em Manaus, no contexto de ampliação do polo industrial e, dali, expandiu-se para os interiores do estado. O presente artigo busca apresentar a ação missionária mórmon na cidade de Parintins a partir de 1994, partindo dos registros oficiais da igreja, principalmente atas e fotografias, e da memória de missionários e presidentes da Igreja. Destacamos a atenção especial dedicada pelos Mórmons à liberdade de escolha e à tolerância religiosa, elementos presentes da doutrina da Igreja e que tem implicado em uma postura ativa das suas lideranças em defesa da paz e do diálogo entre as religiões.

Palavras-chave: Mórmons; tolerância religiosa; ação missionária; Parintins.

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS E A TOLERÂNCIA RELIGIOSA: UMA ANÁLISE
A PARTIR DA AÇÃO MISSIONÁRIA MÓRMON NA CIDADE DE PARINTINS (AMAZONAS),
143MARCOS ADALBERTO SOARES MAIA & DIEGO OMAR DA SILVEIRA

ABSTRACT

The process of religious diversification in Amazonas is comprised of alternative groups opposite those generally observed in researches, namely, Catholics and evangelicals. Since the 1960's, the Church of Jesus Christ Latter-day Saints has established in Manaus in the enlargement context of the industrial pole and from then on expanded to the interior of the state. This article aims to present the Mormon missionary action in the city of Parintins since 1994, from the official registers of the church, mainly minutes and pictures, and the memories of the missionaries and presidents of the church. We highlighted the special attention dedicated by the Mormons to the freedom of choice and the religious tolerance, present elements of the church doctrine which have implicated in an active posture of their leaderships in defense of the peace and the dialogue among the religions.

Keywords: Mormons; religious tolerance; missionary action; Parintins.

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS E A TOLERÂNCIA RELIGIOSA: UMA ANÁLISE
A PARTIR DA AÇÃO MISSIONÁRIA MÓRMON NA CIDADE DE PARINTINS (AMAZONAS),
144MARCOS ADALBERTO SOARES MAIA & DIEGO OMAR DA SILVEIRA

Introdução

Este artigo é, em partes, fruto de um esforço coletivo de estudar aspectos da diversidade religiosa do médio-baixo Amazonas, em especial, na cidade de Parintins. De modo geral, a percepção de que se trata de uma região e de um município quase exclusivamente católicos, não permite perceber diferentes sujeitos sociais que interagem – às vezes de maneira conflituosa – no campo religioso local. Na perspectiva sugerida por Clarice Bianchezzi e Diego Omar da Silveira (2015, p. 198), “cada instituição, grupo ou movimento religioso merece o direito de contar suas histórias”. Daí o empenho desses pesquisadores em “inventariar e organizar criteriosamente os documentos produzidos em diversos suportes materiais” e ao mesmo “recolher, da forma mais abrangente possível, as memórias dos fiéis e das lideranças, dos membros fundadores ou dos adeptos recentes de cada religião”. De acordo com essa compreensão, “na medida em que a mobilidade religiosa passa a ser incorporada às dinâmicas locais e regionais, captar trajetórias pessoais e

experiências, migrações e transformações nas identidades passa a ser fundamental para compor o painel de uma sociedade [cada vez mais] plural e democrática” (idem).

À primeira vista, no entanto, o que tendemos a ressaltar são movimentos que correspondem àqueles já observados no cenário nacional, com queda de fiéis e da presença pública da Igreja Católica, crescimento dos evangélicos (em especial dos pentecostais) e dos sem-religião. Isso, porém, não basta. É preciso observar também a presença de grupos, movimentos e igrejas minoritários – às vezes mais silenciosos – mas que compõe de maneira muito significativa esse movimento de pluralização. Por isso, o presente artigo aborda a ação missionária d’A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em Parintins, no período que vai da chegada dos primeiros missionários a essa ilha situada às margens do Rio Amazonas até os dias atuais. Nossa ênfase recai aqui sobre o tratamento conferido por essa Igreja à questão da liberdade de escolha e da tolerância religiosa, elementos presentes na doutrina da Igreja e que tem implicado em uma postura ativa

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS E A TOLERÂNCIA RELIGIOSA: UMA ANÁLISE
A PARTIR DA AÇÃO MISSIONÁRIA MÓRMON NA CIDADE DE PARINTINS (AMAZONAS),
145 MARCOS ADALBERTO SOARES MAIA & DIEGO OMAR DA SILVEIRA

das suas lideranças em defesa da paz e do diálogo entre as religiões.

Tendo em vista o amplo desconhecimento da história dos Mórmons e de suas bases doutrinárias, apresentamos, brevemente, na primeira parte do texto, uma leitura histórica do surgimento dessa religião nos Estados Unidos da América no século XIX, bem como da composição de seus livros sagrados. Em seguida, abordamos a expansão da Igreja pelo mundo, com ênfase na América Latina até sua chegada ao Brasil nas décadas de 1920 e 1930. Também mapeamos sua entrada no estado do Amazonas e, na sequência, sua vinda para Parintins. Para construir nossa análise, lançamos mão de vasto material memorialístico/doutrinário produzido pela própria Igreja, de dados mencionados na Revista *A Liahona*, além de ouvir alguns dos seus membros que participaram da implantação e da recente trajetória dos Mórmons no médio-baixo Amazonas. Compreendemos que “por trás de cada indivíduo que lida com o sagrado”, existem “histórias de pessoas ou instituições que em algum momento escolheram” um “espaço (físico, mas também simbólico – político e social)

para cumprir sua missão” (BIANCHEZZI; SILVEIRA, 2015, p. 189). Nesse sentido, promover “um registro histórico e historiográfico” desta igreja, que como muitos outros “grupos ou movimentos (...) quase nunca produziram relatos escritos de sua trajetória, [e] cujos elementos permanecem guardados apenas na memória de seus fiéis e/ou fundadores” tem uma dupla função: a primeira delas, acadêmica, pois consolida a ideia de que a instituição e seus fiéis têm uma história e de que – tal como qualquer outra – suas memórias merecem ser narradas, elucidadas e problematizadas. Mas há em segundo lugar, uma função social, já que o registro dessa história permite que seus membros tenham acesso aos registros de uma história que é por eles partilhada, além de lhes assegurar maior legitimidade social.

**A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias:
elementos de história e doutrina**

Entre meados do século XVIII e do século XIX, um reavivamento das questões religiosas transformou os Estados

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS E A TOLERÂNCIA RELIGIOSA: UMA ANÁLISE
A PARTIR DA AÇÃO MISSIONÁRIA MÓRMON NA CIDADE DE PARINTINS (AMAZONAS),
146 MARCOS ADALBERTO SOARES MAIA & DIEGO OMAR DA SILVEIRA

Unidos em um país no qual nasceram importantes igrejas, grupos e movimentos religiosos que, a partir do território americano, expandiram-se para o mundo. De acordo com Leandro Karnal (2014, p. 117) “foi em decorrência desse movimento, bastante heterogêneo, que a porcentagem da população que pertencia às igrejas protestantes, ou que participava de organizações voluntárias ligadas a elas, aumentou”. Nesse contexto, não apenas as denominações se multiplicavam, como também cresciam as disputas por fiéis, o que implicava no confronto de ideias e doutrinas que divergiam sobre questões de fé e também apresentavam à população um número cada vez maior de ministros e pastores.

Os registros que se têm desse momento nos mostram que os embates não se davam apenas entre os líderes religiosos, mas envolviam também os seguidores, atraídos por tais doutrinas. Estas lhes eram oferecidas de várias formas, nas próprias casas ou ao ar livre, em reuniões campais (KARNAL, 2014, p.118). Karen Armstrong (2011) vê nesse “novo despertar” um movimento de reação à expansão do iluminismo que havia embalado a luta pela independência no século

XVIII. Em resposta às práticas intelectualizadas e à expansão da cultura laica, o que se disseminava agora era um novo sentimentalismo, da gente mais simples e que não se limitava aos centros urbanos, apontando para a fronteira sulista e o Oeste.

Simultaneamente à expansão das áreas de colonização, os pregadores corriam na direção dos lugares distantes, aonde a presença das igrejas mais tradicionais ainda não estava consolidada. O proselitismo avançava, assim, em várias direções, atingindo sujeitos e grupos de diferentes culturas e classes sociais. Uma das famílias que experimentou os impactos desse movimento no estado de Nova York foi a de Joseph Smith Sênior e sua esposa Lucy Mack Smith (pais de Joseph Smith Junior, que mais tarde viria a fundar A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias). Entre as igrejas que compunham o cenário religioso da época, destacavam-se os Metodistas e Batistas, ambos “particularmente zelosos em seus esforços de levar a religião aos que dela careciam”. Os Metodistas, por meio de “pregadores itinerantes (...), ministros viajantes [que] cavalgavam de uma cidade a outra de certa

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS E A TOLERÂNCIA RELIGIOSA: UMA ANÁLISE
A PARTIR DA AÇÃO MISSIONÁRIA MÓRMON NA CIDADE DE PARINTINS (AMAZONAS),
147MARCOS ADALBERTO SOARES MAIA & DIEGO OMAR DA SILVEIRA

região, ou circuito, cuidando das necessidades religiosas da população”. Os Batistas através de um “sistema de pregadores de fazenda, no qual um morador local ganhava a vida trabalhando na lavoura, mas ocupava o púlpito de uma igreja das redondezas, no domingo” (*História da Igreja na Plenitude dos Tempos*, 1989, p. 22).

Os impactos desse ambiente religioso renovado não tardaram a atingir o jovem Joseph Smith. A família de seu pai havia mudado muitas vezes de cidade e povoado em busca de uma vida melhor. De Vermont para Palmyra (condado de Ontário, Nova York), um território considerado mais tarde sagrado para os Mórmons, e depois para áreas cada vez mais distantes dos núcleos iniciais da colonização. Na nova região, os habitantes eram “em sua maioria congregacionais e presbiterianos”, fortemente influenciados pelas tradições puritanas (cf. KARNAL, 2014, p.118) e o reflexo disso se pode notar na própria família Smith. Seu pai acreditava em Deus, mas não “nas igrejas tradicionais”. Sua mãe e dois irmãos se filiaram à Igreja presbiteriana e Joseph Smith Junior

(1805-1844) não se sentia satisfeito com nenhuma religião, embora tivesse recebido desde sua infância instruções com raízes fortemente cristãs (*História da Igreja na Plenitude dos Tempos*, 1989, p. 22). Após várias tentativas de se filiar a algum grupo ou movimento religioso, conta-se, na tradição da Igreja, que Joseph resolveu fazer uma consulta à Bíblia, bem ao gosto dos protestantes, cujos preceitos acentuavam a liberdade para uma “leitura individual” das Escrituras (KARNAL, 2014, p.51). Como ele próprio nos relata:

com o correr do tempo, inclinei-me um tanto para a seita metodista e senti algum desejo de unir-me a eles; mas tão grande eram a confusão e a contenda entre as diferentes denominações, que para alguém jovem como eu, tão inexperiente em relação aos homens e às coisas, era impossível chegar a qualquer conclusão definitiva acerca de quem estava certo e de quem estava errado (Joseph Smith – História 1:8).

Tal como em muitas famílias daquele tempo, Joseph Smith possuía um exemplar dos livros sagrados do Cristianismo e ao lê-los encontrou na Epístola de Tiago, no Novo Testamento, algo que o tocou profundamente: “E, se

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS E A TOLERÂNCIA RELIGIOSA: UMA ANÁLISE
A PARTIR DA AÇÃO MISSIONÁRIA MÓRMON NA CIDADE DE PARINTINS (AMAZONAS),
148 MARCOS ADALBERTO SOARES MAIA & DIEGO OMAR DA SILVEIRA

algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e o não lança em rosto, e ser-lhe-á dada” (A *Verdade Restaurada*, 2002, p. 02). Não demorou para que o jovem fizesse a tentativa de interrogar a Deus sobre qual igreja deveria se filiar. Um episódio registado mais tarde em um trecho do seu diário reproduzido abaixo. Ao dirigir-se a um bosque perto de sua casa na primavera de 1820, resolveu orar. Segundo suas palavras,

apenas iniciara, imediatamente se apoderou de mim uma força que me dominou por completo; e tão assombrosa foi sua influência que se me travou a língua, de modo que eu não podia falar. Uma densa escuridão formou-se ao meu redor e pareceu-me, por um momento, que eu estava condenado a uma destruição súbita [...] exatamente nesse momento de grande alarde, vi um pilar de luz acima de minha cabeça, mais brilhante que o sol, que descia gradualmente sobre mim. Assim que apareceu, senti-me livre do inimigo que me sujeitava. Quando a luz pousou sobre mim, vi dois Personagens cujo esplendor e glória desafiam qualquer descrição, pairando no ar acima de mim. Um deles falou-me, chamando-me pelo nome, e disse, apontando para o outro: Este é Meu Filho Amado. Ouve-o! (Joseph Smith – História 1: 15-17).

Joseph Smith relatou após essa experiência, ter recebido muitas instruções durante a visita, que ficou conhecida como “A Primeira Visão”. Uma das indicações era bem direta: não deveria unir-se a nenhuma das igrejas existentes, mas acolher os novos ensinamentos que lhe estavam sendo dados. Passados três anos, uma nova hierofania, agora pela visita de um anjo chamado Morôni. Era noite de 21 de setembro de 1823, segundo a narrativa de Smith:

‘Chamou-me pelo nome e disse-me que era um mensageiro enviado da presença de Deus e que seu nome era Morôni; que Deus tinha uma obra a ser executada por mim; e que meu nome seria considerado bom e mau entre todas as nações, tribos e línguas, ou que entre todos os povos sealaria bem e mal de meu nome. Disse-me que havia um livro escondido, escrito em placas de ouro, que continha um relato dos antigos habitantes deste continente, assim como de sua origem e procedência. Disse também que o livro continha a plenitude do evangelho eterno, tal como fora entregue pelo Salvador aos antigos habitantes’ (Joseph Smith – História 1: 33-34).

O livro a que o anjo se referia ficou conhecido como o *Livro de Mórmon*. O título se explica devido ao fato de “Mórmon, antigo líder e profeta, ter sido seu principal editor” (A *Verdade Restaurada*, 2002, p. 29). Conforme se acredita,

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS E A TOLERÂNCIA RELIGIOSA: UMA ANÁLISE
A PARTIR DA AÇÃO MISSIONÁRIA MÓRMON NA CIDADE DE PARINTINS (AMAZONAS),
149MARCOS ADALBERTO SOARES MAIA & DIEGO OMAR DA SILVEIRA

em 22 de setembro de 1827 as placas de ouro foram entregues ao profeta com a recomendação de que o trabalho de tradução para o inglês se iniciasse rapidamente. Rumores a respeito das placas de ouro chamaram a atenção das populações locais que usaram de todos os estratagemas para roubá-las, forçando-os a se mudarem mais uma vez, agora para Harmony, na Pensilvânia. O processo de edição foi concluído em 1830, mesmo ano em que a Igreja foi oficialmente organizada. Joseph Smith, no entanto, continuou a registrar as revelações que recebia e que, por vezes, eram dadas também a alguns amigos mais próximo do profeta. Junto da Bíblia e do *O Livro de Mórmon*, os “santos dos últimos dias” reconhecem como livros que compõem sua base doutrinária outros dois frutos desse trabalho escriturístico: *Doutrina e Convênios* e *A Pérola de Grande Valor*.

Na época em que Joseph Smith trabalhava na definição dos cânones, as perseguições contra os líderes e os membros da Igreja aumentavam, o que obrigou as comunidades mórmons a novas migrações. “Em Kirtland (...) bandos de

religiosos fanáticos destruíam as propriedades. O Profeta não podia encontrar paz e, a 12 de janeiro de 1838, acompanhado por Sidney Rigdon, partiu para o Missouri...” (*A Verdade Restaurada*, 2002, p.49). Nesse período – de 1831 a 1838 – a Igreja contava com duas sedes: uma em Kirtland (Ohio) e Independence (Missouri) e tinha aproximadamente 18 mil membros.

Perseguição, Intolerância e Martírio

Os muitos episódios de ódio religioso foram vastamente registrados na memória institucional da Igreja como “tempestades de violência” que varreram os Mórmons de vários estados norte-americanos, já que, na medida em que a Igreja crescia “em número e poder espiritual, as forças que trabalhavam contra ela também se tornaram mais vigorosas” (*A Verdade Restaurada*, 2002, p. 48). Desde a sua primeira década, “os santos dos últimos dias eram considerados fanáticos e simplórios, acusados de ignorantes e crédulos,

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS E A TOLERÂNCIA RELIGIOSA: UMA ANÁLISE
A PARTIR DA AÇÃO MISSIONÁRIA MÓRMON NA CIDADE DE PARINTINS (AMAZONAS),
150MARCOS ADALBERTO SOARES MAIA & DIEGO OMAR DA SILVEIRA

porque acreditavam e frequentemente testemunhavam milagres, profecias, curas, revelações e o dom das línguas” (*História da Igreja na Plenitude dos Tempos*, 1989, p. 121). Ademais, as suas pregações morais, a postura diante dos indígenas e da escravidão eram vistas com desconfiança. Havia grande temor de que os Mórmons se aliassem aos nativos (em função de sua simpatia por eles, ancorada nas suas próprias bases doutrinárias) e aos negros, promovendo insurreições contra a ordem vigente.

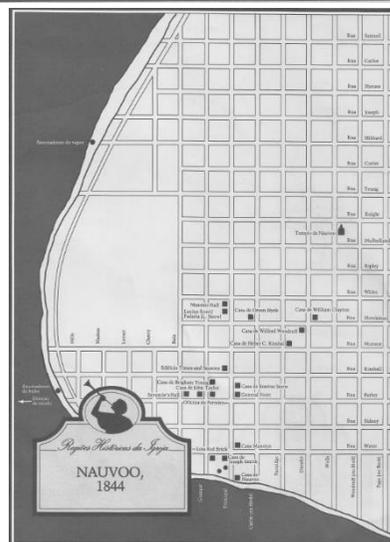
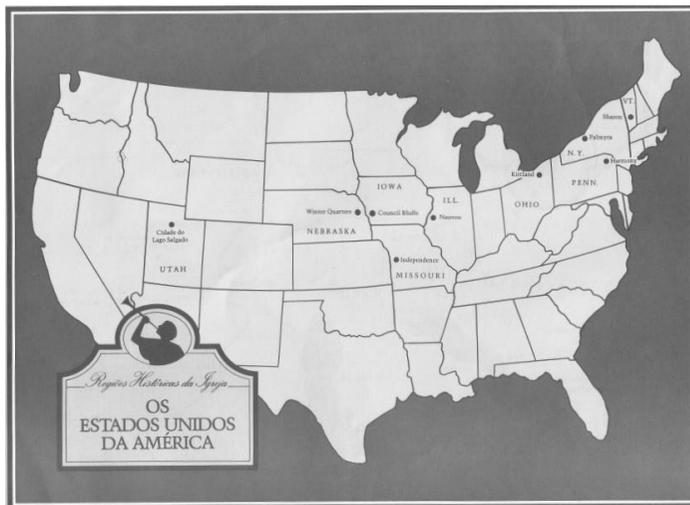
Casas e impressoras queimadas, destruição de suas plantações e campos de pastoreio, pilhagens dos bens materiais, vexações públicas às lideranças religiosas e expulsões de comunidades inteiras – com homens, mulheres e crianças – se repetiram por diversas vezes e em diferentes locais, por meio de convites para que abandonassem a cidade ou através de grupos armados que impunham a saída pela força. Apelando recorrentes vezes aos poderes públicos, Joseph Smith e outras lideranças foram também viabilizando o êxodo dos fiéis para o oeste do Mississipi, pelo “chamado

‘Grande Deserto’, uma imensa região de pradarias, planícies e montanhas, praticamente intocada por qualquer civilização de origem europeia”. De acordo com Karnal (2014, p. 161), a ocupação dessa ‘última fronteira’ mescla pelo menos “duas razões, quais sejam a liberdade religiosa (no caso dos Mórmons) ou o desejo de obter terras e ouro”. Expulsos de Missouri, um grande número de “santos” vai encontrar um refúgio relativamente duradouro em Illinois, onde construíram a cidade de Nauvoo (ver mapa abaixo).

**Lugares pelos quais passaram os Mórmons e a planta-
baixa de Nauvoo**

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS E A TOLERÂNCIA RELIGIOSA: UMA ANÁLISE
A PARTIR DA AÇÃO MISSIONÁRIA MÓRMON NA CIDADE DE PARINTINS (AMAZONAS),
151MARCOS ADALBERTO SOARES MAIA & DIEGO OMAR DA SILVEIRA

Fonte: Doutrina e Convênios, 1986 (Mapas, s/n)



A construção dessa nova Sião e a vida em “Nauvoo, a bela”, são lembradas como experiências exitosas na história da Igreja. Nessa perspectiva, a beleza da cidade é evocada em consonância com a liberalidade de suas leis, criadas garantindo uma força policial e “ordenanças para a eficiente administração da cidade”, além de assegurar “o direito de reunião e liberdade de adoração para indivíduos de todas as crenças religiosas” (*História da Igreja na Plenitude dos Tempos*, 1989, p. 121). O crescimento econômico da cidade e a prosperidade da Igreja projetaram as suas lideranças na política nacional e, em 1844, Joseph Smith se lançou candidato à presidência dos Estados Unidos, o que levou a um crescimento das dissensões internas e ao isolamento progressivo dos Mórmons. O Profeta – como Smith era chamado – já havia sido preso diversas vezes, sem nunca ter sido condenado por falta de provas. Diante de novas hostilidades e sob acusações diversas um mandato de prisão foi expedido pelo estado de Missouri, mas antes que o

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS E A TOLERÂNCIA RELIGIOSA: UMA ANÁLISE
A PARTIR DA AÇÃO MISSIONÁRIA MÓRMON NA CIDADE DE PARINTINS (AMAZONAS),
152MARCOS ADALBERTO SOARES MAIA & DIEGO OMAR DA SILVEIRA

processo fosse julgado, Joseph e seu irmão Hyrum foram mortos, por uma “turba enfurecida”, em junho de 1844. Sobrevivente do mesmo atentado, John Taylor escreveu o testemunho do que chamou de “martírio do melhor sangue do século XIX para a salvação de um mundo arruinado” (idem).

Acredita-se que os propósitos do assassinato eram dispersar e destruir os Mórmons. Sem que isso tenha ocorrido imediatamente, os episódios de intolerância religiosa se intensificaram ainda mais e os novos líderes da Igreja passaram a cogitar uma nova fuga, dessa vez para as “Montanhas Rochosas”, conforme havia previsto Smith. Em fevereiro de 1846 os “santos” começam a sair de Nauvoo, sob rumores de que “aproximadamente 800 pessoas, armadas com seis canhões, preparavam-se para atacar”. Os cidadãos remanescentes, “por volta de 150 combatentes, preparavam-se para defender a cidade”, mas após alguns dias de luta “foram obrigados a se render e receberam a ordem de partir imediatamente (...) A multidão entrou então na cidade, pilhou as casas e vandalizou o templo. Alguns santos que não foram rápidos o suficiente para escapar foram espancados ou jogados

no Rio Mississippi” (*História da Igreja na Plenitude dos Tempos*, 1989, p. 318).

Na campanha de retirada, quase tudo foi levado em carroções puxados a mão. Dezenas de mórmons morreram no inverno rigoroso daquele ano e a história dessa jornada se entrelaça com a dos pioneiros do Oeste”. A conquista do lugar para edificar o “reino de Deus em paz e segurança” tinha como preço a distância e como vantagem o isolamento dos inimigos. Nos dez anos que se seguiram os Mórmons se estabeleceram no Vale do Lago Salgado, no que viria a ser o território (mais tarde estado) de Utah e a cidade de Salt Lake City. Nos anos 1880 uma nova onda de perseguições ao Mórmons se dá em função da poligamia, aprovada na doutrina da Igreja naquele momento, mas interdita pela legislação americana. Nesse período até mesmo a pessoa jurídica d’A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias chegou a ser suspensa, obrigando-a “a encerrar todos os seus negócios como sociedade corporativa, além de ter seus bens confiscados pelo governo” (*A Verdade Restaurada*, 2002, p. 135). Apenas o fim do casamento plural, uma década mais tarde, foi capaz de

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS E A TOLERÂNCIA RELIGIOSA: UMA ANÁLISE
A PARTIR DA AÇÃO MISSIONÁRIA MÓRMON NA CIDADE DE PARINTINS (AMAZONAS),
153 MARCOS ADALBERTO SOARES MAIA & DIEGO OMAR DA SILVEIRA

normalizar a situação e dar maior estabilidade, iniciando a Igreja no século XX, uma “era de reconciliação” e maior constância.

Dispersão dos Mórmons pelo Mundo

Mesmo em meio a atribuições, os Mórmons mantiveram o espírito missionário, enviando Élderesⁱⁱⁱ para pregar o evangelho e a doutrina da Igreja fora do solo americano. O primeiro lugar de missão foi o Norte do Canadá, para onde se dirigiram, “em 1833, Joseph Smith e Sidney Rigdon”, a pedido “de Freeman Nickerson (...) que convenceu os líderes da Igreja de que seus filhos que moravam naquele país seriam receptivos” à nova religião (*História da Igreja na Plenitude dos tempos*, 1989, p.117). Outro país para o qual os Mórmons enviaram missionários foi a Inglaterra. Segundo o que consta nas histórias da Igreja, a ida à ex-metrópole teria sido inspirada pelo “Espírito do Senhor” ao Profeta (cf. *História da Igreja na Plenitude dos tempos*, 1989, p. 174), mas

a missão tinha uma característica peculiar. Ao invés de fazer crescer a Igreja em solo inglês, os missionários incentivavam os convertidos a se juntarem aos “santos” norte-americanos para estabelecer a comunidade nos Estados Unidos. E eles vinham às centenas de navio, fortalecendo o movimento de avanço para o Oeste, ficando conhecidos como “pioneiros Mórmons”.

Nos anos seguintes, esses grupos se espalharam por diversos países da Europa. Até por volta de 1950 – quando “a Igreja tinha cento e vinte anos de idade, seus membros eram aproximadamente 1,1 milhão de pessoas. Durante os vinte anos seguintes, esse número quase triplicou, chegando a mais de 2,9 milhões” (*História da Igreja na Plenitude dos tempos*, p. 551). Esse grande crescimento tem muito a ver com a abertura de missões também na América Central e do Sul, onde já tinham ocorrido tentativas anteriores de estabelecer a Igreja, porém sem muito êxito.

Os primeiros a receber a designação para proclamar o evangelho na América do Sul foram Élder Parley P. Pratt e sua esposa. Logo descobriram, porém, a força da Igreja Católica

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS E A TOLERÂNCIA RELIGIOSA: UMA ANÁLISE
A PARTIR DA AÇÃO MISSIONÁRIA MÓRMON NA CIDADE DE PARINTINS (AMAZONAS),
154MARCOS ADALBERTO SOARES MAIA & DIEGO OMAR DA SILVEIRA

nessa região, onde aliás ela contava com forte apoio do Estado, havendo inclusive, em algumas nações, monopólio religioso e não-aceitação de cultos públicos de não-católicos (cf. Mendonça, 2003). Em 1851, de acordo com Rubens Lima da Silva (2008, p. 51), o casal Pratt partiu em direção ao Chile, onde acreditava encontrar “bons recursos para a pregação do Evangelho”, já que se tratava de “um país onde havia certa liberdade religiosa, garantida pela sua Constituição”, além de um “bom desenvolvimento educacional”. Em apenas seis meses a sua permanência ali tornou-se inviável e a Igreja chegou à conclusão de que “a América do Sul ainda não estava preparada para receber o Evangelho de Jesus Cristo”, o que implicou em interrupção da missão por um período de 73 anos (SILVA, 2008, p. 51).

A segunda tentativa de efetivar a presença mórmon no continente só se deu em 1925, dessa vez pela Argentina, onde a Igreja conseguiu se estabelecer, ainda que em passos lentos. Os membros – batizados naquele mesmo ano no primeiro Ramo da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

na América do Sul – eram todos imigrantes alemães. E dali seriam enviados missionários ao Brasil, dando início a história dos Mórmons em nosso país. De forma geral, a Igreja foi se expandindo por toda a América do Sul através da fundação de novas missões que, conseqüentemente, foram responsáveis pelo aumento no número de membros. Após dificuldades no período da Segunda Guerra Mundial, a Igreja volta a crescer, em especial entre os anos 1970 e 1980 nos países do continente Africano, tornando a Igreja mundialmente difundida e firmando sua presença em muitas nações, povos e línguas.

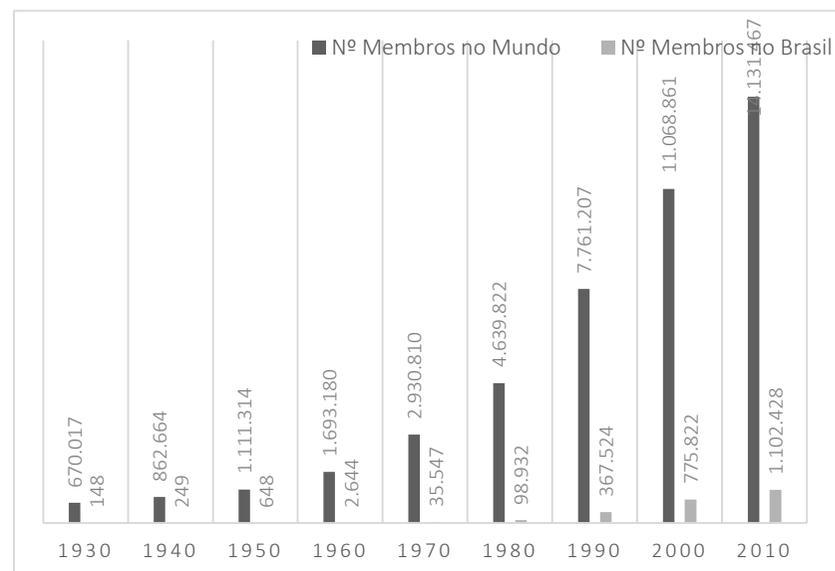
Mórmons no Brasil (e na Amazônia)

Entre nós, os Mórmons se sucedem aos “protestantes de imigração ou colonização” que haviam fortalecido, no século XIX, a diversificação do campo religioso brasileiro, sobretudo por meio da chegada ao sul do Brasil de “alemães luteranos” (cf. DREHER, 1984). Essas comunidades religiosas permaneceram relativamente isoladas por algumas décadas,

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS E A TOLERÂNCIA RELIGIOSA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA AÇÃO MISSIONÁRIA MÓRMON NA CIDADE DE PARINTINS (AMAZONAS), 155MARCOS ADALBERTO SOARES MAIA & DIEGO OMAR DA SILVEIRA

uma vez que a maioria dos colonos não falava português e que o governo imperial não cumpriu a promessa de trazer e sustentar pastores exclusivos para eles. Diante da falta de pastores, Antônio Gouvêa Mendonça (2003, p.149) sinaliza que diversas comunidades tiveram de se contentar com pastores improvisados (“pseudopastores”), uma carência que se espalha pelas primeiras décadas do noventa e que se mescla com a história dos primeiros “santos dos últimos dias” a pregar o Evangelho em estados do sul do país. Segundo Rubens de Lima da Silva (2008, p. 84), “muitos missionários [mórmons] devido a seriedade em seus trabalhos eram convidados a pastorear igrejas na cidade de Joinville e em seus arredores”, em função da falta de lideranças protestantes naquelas comunidades. Essas oportunidades permitiram aos Mórmons ampliarem seus círculos de ensino e pregação e, como resultado, cresceu constantemente, embora lentamente até a década de 1970, o número de batismos.

Gráfico 1: Número de membros no mundo e no Brasil



Baseado em números disponíveis na Revista *A Liahona*, outubro de 2006, p. n5.

Como se pode observar no gráfico acima, a segunda metade do século XX é caracterizada por um intenso fervor missionário que permitiu o crescimento da Igreja no mundo, inclusive por que, do ponto de vista formal, o estabelecimento de repúblicas liberais sugeria um ambiente mais favorável ao proselitismo e a novas conversões. Em 1900, estima-se que a

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS E A TOLERÂNCIA RELIGIOSA: UMA ANÁLISE
A PARTIR DA AÇÃO MISSIONÁRIA MÓRMON NA CIDADE DE PARINTINS (AMAZONAS),
156 MARCOS ADALBERTO SOARES MAIA & DIEGO OMAR DA SILVEIRA

Igreja contasse com “quarenta e três estacas, vinte missões e 967 alas e ramos nas estacas e missões. A Igreja tinha aproximadamente 283.765 membros, a maioria dos quais morava na região montanhosa do oeste dos Estados Unidos e quatro templos estavam em funcionamento: St. George, Manti, Longan e Salt Lake City. Naqueles mesmos anos, “796 novos missionários foram designados para pregar o evangelho às nações da terra” (*História da Igreja na plenitude dos tempos*, 1989) e os frutos vieram mais ou menos rápido, pois em 1930 o número de mórmons no mundo é de cerca de 670.000.

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é organizada geograficamente e os membros frequentam as reuniões de adoração sempre perto de sua casa. Cada membro pertence a uma estaca, que corresponde à sua maior unidade de gestão. O líder da estaca é chamado de presidente e a palavra “estaca” foi tirada do Velho Testamento onde a palavra representa uma “tenda”, ou igreja, que é sustentada por estacas (*ver* Isaías 54:2). A Missão corresponde a um período de serviço voluntário, que geralmente dura de 06 a 24 meses, no

qual os Mórmons devotam suas vidas (em meio-período ou em tempo integral) para fazer proselitismo, prestar serviço humanitário ou algo do gênero. Os missionários servem sob a orientação de um presidente de missão, que é chamado junto com sua esposa para servirem no período de 3 anos (voluntariamente). Dentro de cada estaca existem vários distritos, alas ou ramos, que são unidades sucessivamente menores. O líder leigo da estaca é chamado bispo e o líder não-remunerado de um ramo – que é a menor unidade organizativa da Igreja – é chamado de presidente do ramo.

No Brasil, segundo os documentos disponíveis, “o primeiro membro da Igreja conhecido (...) foi Max Richard Zapf, que foi batizado na Alemanha em agosto de 1908 e imigrou” para cá em 1913. Ele não vinha, portanto, dos Estados Unidos, e sua chegada se assemelha à de muitos protestantes que traziam do Velho Mundo o seu credo. Após muitos anos sem contato com a Igreja, Max Zapf, sua esposa e filhos souberam de outra família, também batizada em solo europeu, e decidiram reunir-se a ela. Alguns anos após essa

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS E A TOLERÂNCIA RELIGIOSA: UMA ANÁLISE
A PARTIR DA AÇÃO MISSIONÁRIA MÓRMON NA CIDADE DE PARINTINS (AMAZONAS),
157MARCOS ADALBERTO SOARES MAIA & DIEGO OMAR DA SILVEIRA

aproximação, Augusta Kuhlmann Lippelt, que residia na pequena cidade de Ipomeia (SC), fez contato com a presidência da Igreja, solicitando missionários para o Brasil.^{iv} Logo seu pedido foi atendido e em 1928 foram enviados missionários para Joinville. A sede da Missão Sul-Americana, como já foi dito, estava em Buenos Aires (Argentina) e de lá vieram os Élderes Emil A. J. Schindler e William Fred Heinz – ambos pregando ainda no idioma alemão. Com o surgimento dos primeiros convertidos brasileiros, Rulon S. Howells é chamado para ser o novo e primeiro Presidente da Missão Brasileira, entre 1935-1938. A partir daí o *Livro de Mórmon*, antes lido em língua estrangeira foi traduzido para o português (1939) em função da proibição do governo de Getúlio Vargas de que continuassem a pregar em língua estrangeira.

Apenas na década de 1940, a Igreja começa a se espalhar pelas capitais, como Rio de Janeiro e Belo Horizonte, e por cidades mais desenvolvidas do interior, como Piracicaba, Campinas e Juiz de Fora, por exemplo. Em 1941, a Igreja enfrentou um grande desafio, pois em função da guerra os

trabalhos em comunidades étnicas alemãs se tornam progressivamente mais difíceis. Em dezembro desse ano, os Estados Unidos entraram na Guerra e o trabalho missionário da Igreja foi oficialmente interrompido. Foram suspensas as viagens de missionários Mórmons para o Brasil e, do mesmo modo, foi determinado que os que aqui estavam, retornassem para seus países de origem. Muitos ramos da Igreja foram fechados e apenas aqueles poucos que tinham se desenvolvido mais e alcançado um fortalecimento de sua liderança local, foram preservados. Na década seguinte (1950), os Mórmons passam a crescer em ritmo mais acentuado, espalhando-se pelo Brasil e, embora os números do Censo não indiquem um aumento na mesma proporção, de acordo com os dados institucionais d'A Igreja dos Santos dos Últimos Dias, ela alcançou aproximadamente 100.000 fiéis no Brasil em 1980, ultrapassando um milhão de membros em 2010.^v

Com os fluxos de migração direcionados para a Amazônia, em função das políticas desenvolvimentistas implementadas pela ditadura civil-militar, a Igreja aporta em

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS E A TOLERÂNCIA RELIGIOSA: UMA ANÁLISE
A PARTIR DA AÇÃO MISSIONÁRIA MÓRMON NA CIDADE DE PARINTINS (AMAZONAS),
158 MARCOS ADALBERTO SOARES MAIA & DIEGO OMAR DA SILVEIRA

Manaus em 1975. Dois anos mais tarde, a partir do encontro de duas famílias que professavam a mesma fé, foi realizada a primeira reunião sacramental dos Mórmons na capital amazonense e “em 1978 o presidente Hélio da Rocha Camargo autorizou oficialmente a organização de um Ramo da Igreja” nessa cidade (A *Liahona*, 2011, p. N6). Acredita-se que esses dois primeiros membros haviam migrado para a Amazônia para “trabalhar nas empresas do Distrito Industrial ou [que] foram transferidos pelas forças armadas (A *Liahona*, 2012, p. N3). Vieram, na sequência, missionários do Rio de Janeiro, o que implicou em maior número de conversões, na criação de outras unidades da Igreja e na criação da primeira Estaca em Manaus.

Esse contexto corresponde às análises mais globais sobre a pluralização do campo religioso amazonense, concebido por Jacob (2006) como área de missão de muitas igrejas evangélicas e com diversificação relativamente precoce. Bianchezzi e Silveira (2015, p. 190), também apontam que, “em Manaus, após o rápido desenvolvimento que se seguiu à construção da Zona Franca e ao crescimento

exponencial da área urbana, o perfil religioso foi mais intensamente modificado”. O que não nos permite esquecer os interiores do estado, pois mesmo “em cidades de pequeno e médio porte, a filiação religiosa tem passado por importantes transformações que, via de regra, acompanham certa tendência indicada pelos dados estatísticos” (idem).

Santos dos Últimos Dias e a diversificação religiosa em Parintins

Com a consolidação da Igreja na capital, é organizada, em 1989, a Missão Brasil Manaus. Quatro anos mais tarde missionários mórmons são enviados à Parintins – a maior cidade do interior do Amazonas, situada na região do médio-baixo Amazonas e naquele momento com aproximadamente 85.000 habitantes, conforme estimativa do IBGE mencionada n’A *Liahona* de dezembro de 1995. Élder Conceição, brasileiro, e Élder Price, norte americano, chegaram à cidade em outubro de 1994. Ali, buscaram logo fazer seus primeiros

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS E A TOLERÂNCIA RELIGIOSA: UMA ANÁLISE
A PARTIR DA AÇÃO MISSIONÁRIA MÓRMON NA CIDADE DE PARINTINS (AMAZONAS),
159MARCOS ADALBERTO SOARES MAIA & DIEGO OMAR DA SILVEIRA

contatos com os cidadãos parintinenses: “nós falamos com todo mundo e convidamos todos para aparecer e aprender o Evangelho. Não recebemos nenhuma ameaça” (PRICE, 2016). Parece que mesmo “desconhecidos” na cidade em que estavam pela primeira vez, não foram tratados com hostilidade aparente, pelo menos nesse primeiro momento. A senhora Fátima Garcia da Cunha, que foi uma das pioneiras na Igreja em Parintins, nos relata como fora seu primeiro contato com os missionários:

tenho 44 anos [e] nasci em 1971 (...) Meu conhecimento em relação à Igreja foi a partir de 1994, ao conhecê-los durante uma visita que eles fizeram no meu ateliê. Eu trabalhava com costura, trabalho até hoje... e eles faziam as visitas porta a porta. Então, eles se apresentaram... como sendo um detetive. Pessoas que eu não conhecia realmente..., mas depois eles me explicaram quem eram eles e, a partir daí, então comecei a receber as palestras sobre a Igreja e eles me falaram também que já haviam batido em outras portas, mas que as pessoas os confundiam com vendedores de livros (CUNHA, 2016).

Como podemos entrever na fala acima, os missionários haviam tentado contato com muitas pessoas, mas sem sucesso, pois a maioria não os recebia quando batiam às portas das residências. A estória de que se apresentavam “como

detetives” era possivelmente um subterfúgio para travarem o primeiro contato e terem oportunidade de dialogar sem serem ignorados de imediato. Ademais, os Mórmons sempre se apresentam de camisa e gravata, traje pouco usual no cotidiano da ilha e frente ao calor úmido do local. Élder Price (2016) relata que quase todos os “receberam com curiosidade”, querendo saber o que aqueles dois jovens faziam, quais eram suas pretensões e objetivos. Mas ao relatarem que se tratava de pregação do Evangelho ou religião, as curiosidades se transformavam em desinteresse. Outros estereótipos foram, ainda, disseminados. De acordo com Élder Price (2016), “a maior dificuldade foi convencer o prefeito e [outras autoridades] que não éramos uma seita”. Como nos conta Fátima Cunha, havia boatos de que “estavam comprando crianças (...) procurando descobrir alguém por aqui (...) as pessoas realmente não sabiam que eles queriam”. O fenótipo dos missionários, sua cor da pele e dos olhos, e até mesmo a plaqueta no bolso da camisa com seu título de Élder e o nome da Igreja, tudo isso gerava certa estranheza entre os locais.

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS E A TOLERÂNCIA RELIGIOSA: UMA ANÁLISE
A PARTIR DA AÇÃO MISSIONÁRIA MÓRMON NA CIDADE DE PARINTINS (AMAZONAS),
160MARCOS ADALBERTO SOARES MAIA & DIEGO OMAR DA SILVEIRA

Após seu empenho inicial em contatar o máximo possível de pessoas nas áreas centrais da cidade, os Mórmons foram sendo levados, cada vez mais, para os lugares periféricos, nos quais se tem observado maior mobilidade religiosa, espaços portanto “em que a população vai progressivamente deixando de ser maciçamente católica” (BIANCHEZZI; SILVEIRA, 2015, p. 195) para abraçar novos credos. A primeira mulher batizada na Igreja aponta em sua entrevista que esse foi um dos motivos de a Igreja ter prosperado, já que buscava fieis em áreas que haviam recebido migrantes e ribeirinhos que afluíram para a cidade a partir dos anos 1970 e que deram origem a conjuntos habitacionais como Palmares, Santa Clara e Santa Rita (CUNHA, 2015). Naquele período, bairros mais populosos como Paulo Correa, Itaúna I, Itaúna II e União, aonde se concentra hoje a maior parte dos membros ativos da Igreja, não existiam. Trata-se, na verdade de locais que estavam sendo constituídos por meio de ocupações organizadas por diferentes movimentos, mas que ainda não recebiam dos poderes públicos municipais nem

atenção básica (por meio de políticas públicas e habitacionais) nem o reconhecimento da legalidade da posse da terra.

TERRA DE
CAPRICHOSO E
GARANTIDO
ACOLHEM A IGREJA

Pres. Aldo Francesconi
(Missão Manaus)

Em 16 de setembro de 1995, Parintins, cidade do interior do Amazonas de 85.000 habitantes, terra dos índios Parintins e palco da tradicional festa anual dos bois Garantido e Caprichoso (grande manifestação popular da região), passou a contar com um próspero ramo da Igreja.



Alegria em Parintins-AM.

Fotografia publicada na Revista *A Liahona*, dezembro de 1995 na primeira sede da Igreja

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS E A TOLERÂNCIA RELIGIOSA: UMA ANÁLISE
A PARTIR DA AÇÃO MISSIONÁRIA MÓRMON NA CIDADE DE PARINTINS (AMAZONAS),
161MARCOS ADALBERTO SOARES MAIA & DIEGO OMAR DA SILVEIRA

Após os dois primeiros, a Igreja já recebeu centenas de missionários que servem por um período de dois anos em tempo integral de serviço. Mais consolidada, enviou, em 2008, seu primeiro missionário parintinense, que passou dois anos na Missão Brasil Rio de Janeiro. Outros o seguiram posteriormente, entre eles, mulheres, totalizando, desde aquela época, 10 jovens que saíram de Parintins para servirem em várias regiões do Brasil. Élder Price (2016) resume sua experiência de ter sido o primeiro missionário Mórmon norte-americano nesta cidade amazônica da seguinte maneira: “eu gostei muito da experiência, aprendi a amar o povo brasileiro... e a falar o idioma, que ainda uso hoje em dia”. Quando de sua chegada, o lugar de reuniões da Igreja era uma pequena creche chamada Cinderela. Como não se tinha um Ramo oficialmente organizado, os mórmons usavam apenas lugares cedidos pelos órgãos públicos – aquele era um estágio designado como de formação de “grupo”. Com o crescimento do número de convertidos, passaram a alugar um espaço localizado mais próximo ao centro urbano. É nesta locação que foi organizado

oficialmente o Ramo Parintins, em uma reunião comandada pelo Presidente da Missão Brasil Manaus, Aldo Francesconi (1993-1996). Depois a Igreja mudou-se mais duas vezes de endereço, até que em 2003 alugou um prédio na Avenida Amazonas – a principal rua de Parintins – aonde se encontra até os dias atuais.

Na medida em que foi se consolidando na cidade, a Igreja foi preparando lideranças locais, isso porque o seminário faz parte da vida dos jovens que hoje a frequentam, muitos dos quais retornaram de suas respectivas missões com as experiências de lugares em que os Mórmons são mais bem estruturados e onde todos os programas da Igreja são oferecidos e funcionam. Com esse amadurecimento, a Igreja em Parintins se tornou mais estável, a permanência dos membros mais duradora. Na percepção de suas lideranças, aumentou o entendimento da própria doutrina e da cultura Mórmon, em especial entre a juventude e nas famílias (cf. CORRÊA, 2016). Os primeiros membros da Igreja vieram de uma formação católica, dada por suas famílias, e alguns não

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS E A TOLERÂNCIA RELIGIOSA: UMA ANÁLISE
A PARTIR DA AÇÃO MISSIONÁRIA MÓRMON NA CIDADE DE PARINTINS (AMAZONAS),
162MARCOS ADALBERTO SOARES MAIA & DIEGO OMAR DA SILVEIRA

conseguiram deixar suas antigas práticas e tradições. Hoje a realidade é outra. Neste prédio, os membros se reúnem todos os domingos para os serviços de adoração, que têm a duração de 3 horas a cada domingo, iniciando pela escola dominical 09h00min da manhã até 09h50min. Nesses cinquenta minutos de aula, os homens a partir de 18 anos ficam em uma organização masculina da Igreja que é chamada de “Quórum de Élderes”; as mulheres a partir de 18 anos ficam na organização feminina de mulheres da Igreja, conhecida como “Sociedade de Socorro”^{vi} – em cada unidade da Igreja é chamada uma Mulher para presidir as irmãs da Igreja; os rapazes de 12 a 17 anos ficam na sala da organização dos rapazes e as moças de 12 a 17 anos ficam na sala da organização das moças; as crianças ficam na organização chamada “primária”. Após 10 minutos de intervalo, inicia às 10h00min a segunda parte com duração de apenas 40 minutos. Nessa aula homens e mulheres estudam juntos, bem como as moças e rapazes. Logo após, inicia-se a reunião principal, considerada a mais sagradas para os Santos dos Últimos Dias:

a Reunião Sacramental, com duração de 70 minutos, onde o pão e água são servidos a todos da congregação como lembrança do sacrifício expiatório de Jesus Cristo. Os oradores são selecionados entre os membros. Geralmente três membros compartilham discursos com temas do Evangelho designados pelo Presidente do Ramo.

Os líderes de cada organização formam o conselho do Ramo e esse conselho entre homens e mulheres se reúnem pelo menos uma vez por mês para tratar de vários assuntos da Igreja local. Esses assuntos vão desde o bem-estar dos membros, trabalho missionário, fortalecimento das famílias e indivíduos, atividades recreativas e outras comemorações, às vezes assuntos confidenciais. As mulheres da Igreja são participantes ativas e suas opiniões devem ser levadas em consideração e aplicadas – a Igreja ensina que quando as vozes das mulheres são ouvidas se obtém mais resultados. A Igreja também fornece estudos para os jovens, chamados de seminário e instituto. Os jovens de 14 a 17 anos estudam 1 hora a cada quatro dias por semana; os de 18 a 30 anos fazem o instituto uma vez por semana, estudam a cada ano um livro,

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS E A TOLERÂNCIA RELIGIOSA: UMA ANÁLISE
A PARTIR DA AÇÃO MISSIONÁRIA MÓRMON NA CIDADE DE PARINTINS (AMAZONAS),
163MARCOS ADALBERTO SOARES MAIA & DIEGO OMAR DA SILVEIRA

Velho e Novo Testamento, *O Livro de Mórmon*, *Doutrina e Convênios* e *Pérola de Grande Valor*. Os mais velhos estudam também outros livros oferecidos pela Igreja.

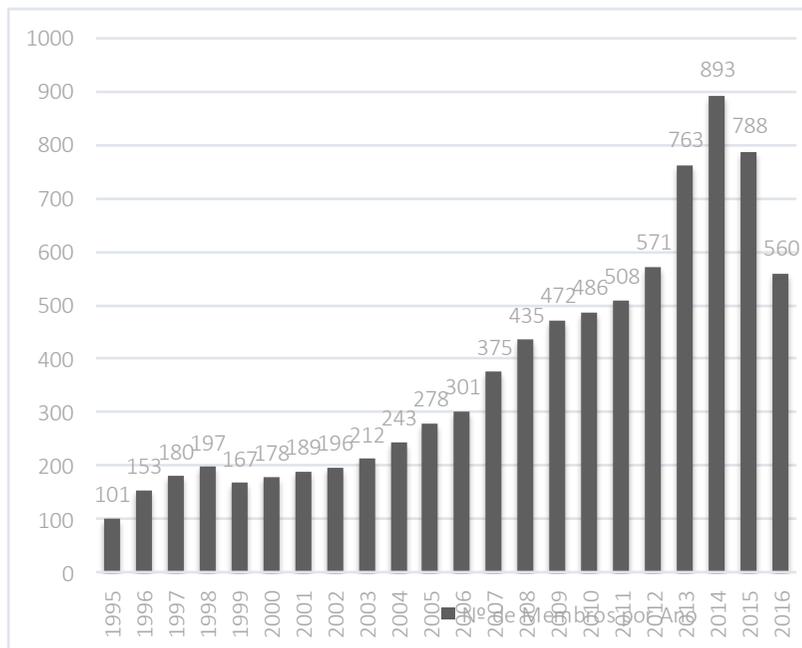
Outro trabalho estruturante da atividade dos Mórmons é a Ajuda Humanitária – um programa Internacional da Igreja que abrange várias modalidades de auxílio social, entre eles o Programa Cadeiras de Rodas, no qual a Igreja doa essas cadeiras a pessoas que não possuem condições financeiras para adquiri-las. O objetivo é ajudar na mobilidade e na autossuficiência dos usuários, dando-lhes oportunidades educacionais e de trabalho. Parintins teve seu primeiro projeto aprovado pela Igreja em 2012, quando foram doadas 54 cadeiras de rodas. Em 2014, foram 104 e, em 2016, mais de 85. A Igreja não aceita dinheiro de governo, porém em seus programas busca trabalhar em parceria com várias organizações, entre elas, as prefeituras municipais.

Após ter completado 20 anos de obra missionária nesta cidade em 2014, a Igreja se qualificou para compra de um terreno que abrigará sua capela em Parintins, uma propriedade

medindo 5.000² (cinco mil metros quadrados), localizada na Rua Barreirinha (no Bairro São Vicente ao lado da Escola de Tempo Integral CETI) – uma das ruas mais movimentadas da cidade, já que a mesma é a que dar acesso à Ponte Amazonino Mendes que liga o centro com os Bairros Paulo Correa e Itaúna II e União. Essa construção contará com uma escola dominical, a capela, quadra de esportes para os jovens e estacionamento e jardim para embelezá-la. A cada ano a Igreja parintinense vem crescendo em números de batizados, como podemos observar na tabela e no gráfico abaixo:

Gráfico 2: Progressão do número de membros d’A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias entre os anos de 1994 e 2016, segundo dados da própria instituição

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS E A TOLERÂNCIA RELIGIOSA: UMA ANÁLISE
A PARTIR DA AÇÃO MISSIONÁRIA MÓRMON NA CIDADE DE PARINTINS (AMAZONAS),
164MARCOS ADALBERTO SOARES MAIA & DIEGO OMAR DA SILVEIRA



Baseado nos números disponíveis em www.lds.org/lcr

Desde 1995 quando os dados começaram a ser computados pela Igreja, vemos que o número de membros cresceu significativamente. Em 2014, foi alcançado o maior patamar registrado no sistema da Igreja, onde ficam guardados todos os registros de batismo e outros dados fornecidos pelos

membros. O banco de dados é chamado MLS (Serviços para Membros e Líderes) e há também o LCR (Recursos para Líderes e Secretários). Esses programas são utilizados pelos agentes institucionais para acompanhar o crescimento da Igreja e fazer o trabalho de visitas missionárias na casa de cada membro. No gráfico pode-se observar certa queda no número de fiéis em 2015-2016. Isso ocorreu devido ao trabalho de ‘enxugamento’ dos dados, ou seja, líderes e membros visitaram todas as casas (conforme endereços registrados) e verificaram que muitos membros não-frequentes já haviam se mudado para outras cidades, especialmente a capital amazonense, Manaus. Segundo as lideranças atuais da Igreja, foi feita uma pesquisa para localizar esses membros e seus registros foram enviados para suas respectivas unidades, mais próximas de onde estão habitando. Outros membros que não foram contatados ou encontrados tiveram seus registros enviados para sede da Igreja nos Estados Unidos até serem localizados e devolvidos seus registros novamente. Esse processo gerou uma diminuição nos números de membros da

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS E A TOLERÂNCIA RELIGIOSA: UMA ANÁLISE
A PARTIR DA AÇÃO MISSIONÁRIA MÓRMON NA CIDADE DE PARINTINS (AMAZONAS),
165 MARCOS ADALBERTO SOARES MAIA & DIEGO OMAR DA SILVEIRA

Igreja em Parintins, porém se obteve com isso um quadro mais próximo do real. De qualquer forma, os números servem para contrapor os dados fornecidos pelo IBGE no Censo 2010 e já apontados acima. Apenas, uma nota que nos parece significativa é que, conforme o levantamento fornecido pela própria Igreja, o número de adeptos d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em 2010 é de 486. No Censo, o número apresentado é de 68 membros, o que significa dizer que o IBGE captou em sua pesquisa apenas um pouco mais de 13% dos dados fornecidos pela Igreja.

Liberdade e tolerância religiosa para os Mórmons nos dias atuais

Como já apontamos, os Mórmons “foram perseguidos” em função de suas crenças por sucessivas décadas nos Estados Unidos, “na maioria das vezes violentamente”. A essa atividade antimórmon^{vii}, a Igreja tem buscado, historicamente, responder de duas formas: lamentando em seus

posicionamentos públicos que os conflitos existam em nações onde pretensamente existe “liberdade religiosa” e desenvolvendo uma reflexão, mais ou menos contínua no ministério das suas lideranças, acerca da intolerância. Russell M. Nelson, membro do Quórum dos Doze Apóstolos d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias aponta em sua fala como representante dos Mórmons num “laboratório de tolerância” promovido pelo parlamento das religiões mundiais que “a intolerância gera desentendimentos” que somente uma postura de tolerância ativa sobrepuja. Trata-se de uma “virtude necessária em nosso mundo turbulento”. Relembrando a luta de Joseph Smith contra as “lastimáveis atitudes de fanatismo, hipocrisia e preconceito”, esse líder conclama “todas as pessoas, em todos os lugares, a adotarem os ideais tradicionalmente consagrados de tolerância e [ao] respeito mútuo”. E continua: “acreditamos sinceramente que ao tratarmos uns aos outros com consideração e compaixão, descobriremos que podemos todos coexistir em paz, apesar de nossas mais profundas diferenças”.^{viii}

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS E A TOLERÂNCIA RELIGIOSA: UMA ANÁLISE
A PARTIR DA AÇÃO MISSIONÁRIA MÓRMON NA CIDADE DE PARINTINS (AMAZONAS),
166MARCOS ADALBERTO SOARES MAIA & DIEGO OMAR DA SILVEIRA

Esse mesmo tipo de recomendação está nas bases d'A Igreja, como se pode observar na manifestação do Dallin H. Oaks. De acordo com suas palavras, “como seguidores de Cristo”, os Mórmons devem “viver pacificamente com outras pessoas que não compartilham os mesmos valores ou não aceitam os ensinamentos sobre os quais se baseiam” as suas crenças. “Dar exemplos de civildade”, assim como “ser bons ouvintes e mostrar respeito por suas crenças genuínas” são práticas que ajudam a edificar uma sociedade democrática, pautada no respeito mútuo. Aos jovens, esse élder conclama “a evitar o *bullying*, insultos, linguajar ou práticas que deliberadamente causam dor aos outros”.^{ix} E Robert D. Hales Smith relembra que o fundador dos Mórmons sofreu o martírio com resignação pessoal, mas militando pelo direito de todos de terem respeitada a sua liberdade religiosa, algo que já está assegurado na Declaração Universal dos Direitos Humanos, bem como em tantos outros documentos americanos e internacionais.^x

No contexto norte-americano atual, as lideranças dos Santos dos Últimos Dias têm demonstrado constante

preocupação com o clima de tensão e polarização nos debates sobre o casamento, a família, a consciência individual e os direitos coletivos e o papel da liberdade religiosa em nossa sociedade.^{xi} Nesse sentido, têm feito mesmo um esforço de apresentar-se ao debate para defender, “publicamente, leis e estatutos que protejam as pessoas LGBT de discriminação em questões de moradia e desemprego” e que “confirmar os direitos de alguns” não significa “tirar os direitos de outros”. Há pelo menos 4 pontos fundamentais que os Mórmons defendem: 1. Reivindicam para todas as pessoas “o direito concedido por Deus e garantido pela constituição de exercerem sua religião, de acordo com os ditames da sua própria consciência, sem prejudicarem a saúde ou a segurança dos outros”; 2. Reconhecem “que a mesma liberdade de consciência deve se aplicar a homens e mulheres do mundo inteiro, para que sigam a fé religiosa de sua escolha, ou nenhuma, se assim o desejarem” – uma posição diálogo com agnósticos e ateus; 3. Creem “que devem ser elaboradas leis que visem a alcançar um equilíbrio na proteção da liberdade de

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS E A TOLERÂNCIA RELIGIOSA: UMA ANÁLISE
A PARTIR DA AÇÃO MISSIONÁRIA MÓRMON NA CIDADE DE PARINTINS (AMAZONAS),
167MARCOS ADALBERTO SOARES MAIA & DIEGO OMAR DA SILVEIRA

todas as pessoas, respeitando as que tem valores diferentes”; e por fim 4. Rejeitam “a perseguição e a retaliação de qualquer espécie, inclusive a perseguição com base em raça, origem étnica, crenças religiosas, situação econômica ou diferenças de sexo ou orientação sexual”.^{xiii}

De acordo com Fábio Nascimento, em textos que comemoram, no Brasil, do ponto de vista Mórmon, o Dia Nacional do Combate à Intolerância Religiosa (21 de janeiro), podemos concluir, que “o respeito pelas diversas crenças e pela contribuição singular de todas as religiões do mundo é uma das características principais do mormonismo^{xiii} na contemporaneidade, havendo certo consenso entre as lideranças d’A Igreja sobre o respeito devido a todas as crenças e também à não-crença.^{xiv} Tratando-se de uma Igreja cristã que está hoje entre as que mais cresce no território nacional, os Mórmons tem, portanto, uma algo a oferecer para a construção de uma cultura de paz, respeito e diálogo, mesmo em um momento de radicalização e de crise deliberada da laicidade nas instituições republicanas.

FONTES

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS. *Doutrina e Convênios*. Manual do aluno. São Paulo: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 1986.

_____. *História da igreja na Plenitude dos Tempos – A História de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*. São Paulo: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 1989.

_____. *Nosso Legado – Resumo da História da História de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*. São Paulo: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 1996.

_____. *A Verdade Restaurada – Resumo da História de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*. São Paulo: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 2002.

_____. *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja – Joseph Smith*. São Paulo: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 2007.

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS E A TOLERÂNCIA RELIGIOSA: UMA ANÁLISE
A PARTIR DA AÇÃO MISSIONÁRIA MÓRMON NA CIDADE DE PARINTINS (AMAZONAS),
168MARCOS ADALBERTO SOARES MAIA & DIEGO OMAR DA SILVEIRA

A Liahona. Revista oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Números consultados: janeiro de 2006, p. N10; março de 2006, p. N9; abril de 2010, p. N3; fevereiro de 2011, p. N8; setembro de 2011, p. N6; agosto de 2012, p. N2.

ENTREVISTAS

CUNHA, Fátima Garcia. Depoimento concedido a Marcos Adalberto Soares Maia, em 15 de novembro 2015. Parintins (AM). Acervo do projeto “A religião na(s) fronteira(s) – espaço público e reconfigurações do campo religioso no médio-baixo Amazonas”.

CUNHA, Fátima Garcia. Depoimento concedido a Marcos Adalberto Soares Maia, em 01 de novembro de 2016. Parintins (AM). Acervo do projeto “A religião na(s) fronteira(s) – espaço público e reconfigurações do campo religioso no médio-baixo Amazonas”.

CORRÊA, Ronilson Alfaia. Depoimento concedido a Marcos Adalberto Soares Maia, em 23 de novembro 2016. Parintins (AM). Acervo do projeto “A religião na(s) fronteira(s) – espaço público e reconfigurações do campo religioso no médio-baixo Amazonas”.

PRICE, Curtis. Depoimento concedido via e-mail a Marcos Adalberto Soares Maia, 26 outubro 2016. Parintins (AM). Acervo do projeto “A religião na(s) fronteira(s) – espaço público e reconfigurações do campo religioso no médio-baixo Amazonas”.

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Karen. *Em defesa de Deus: o que a religião realmente significa*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BIANCHEZZI, Clarice; SILVEIRA, Diego Omar. “Demografia, cartografia e história das religiões em Parintins: novas possibilidades para o estudo da diversidade religiosa na

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS E A TOLERÂNCIA RELIGIOSA: UMA ANÁLISE
A PARTIR DA AÇÃO MISSIONÁRIA MÓRMON NA CIDADE DE PARINTINS (AMAZONAS),
169MARCOS ADALBERTO SOARES MAIA & DIEGO OMAR DA SILVEIRA

Amazônia”. In: BIANCHEZZI, Clarice; SILVEIRA, Diego Omar (et. al.) (org.). *Pensar, fazer, ensinar: desafios para o ofício do historiador no Amazonas*. Manaus: Valer: UEA Edições, 2015a. pp. 183-204.

_____. “Vozes do religioso: memórias e histórias da diversidade religiosa do baixo-Amazonas”. In: *Anais Eletrônicos do XXVIII Simpósio Nacional de História*. Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios. Florianópolis: UFSC, 2015b.

CAMPOS, Leonildo Silveira. “As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada”. In: *Revista USP*. São Paulo: USP, n. 67, setembro/novembro de 2005. pp. 100-115.

DREHER, Martin. *Igreja e Germanidade*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 1984.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Site <<http://www.ibge.gov.br>>.

JACOB, César Romero (et. al.). *Religião e sociedade em capitais brasileiras*. Brasília: CNBB; São Paulo: Loyola; Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2006.

KARNAL, Leandro. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. 3º ed. São Paulo: Contexto, 2014.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. “República e pluralidade religiosa no Brasil”. In: *Revista USP*. São Paulo: USP, n. 59, setembro/novembro de 2003. pp. 144-163.

PIERUCCI, Antonio Flavio. “Religiões do Brasil”. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *Cidadania, um projeto em construção: minorias, justiça e direito*. São Paulo: Claro Enigma, 2012. pp. 60-69.

PINTO, Paulo Mendes. *Religion in the City: The Mormons (my biographical point of view)*. Disponível em <<https://parliamentofreligions.org/blog/2017-04-15-1946/religion-city-mormons-my-biographical-point-view>>.

SILVA, Rubem Lima da. *Os Mórmons em Santa Catarina: origens, conflitos e desenvolvimento*, Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2008.

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS E A TOLERÂNCIA RELIGIOSA: UMA ANÁLISE
A PARTIR DA AÇÃO MISSIONÁRIA MÓRMON NA CIDADE DE PARINTINS (AMAZONAS),
170MARCOS ADALBERTO SOARES MAIA & DIEGO OMAR DA SILVEIRA

NOTAS

ⁱ Graduado em História no Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: marcosmaiarior@hotmail.com.

ⁱⁱ Mestre e graduado em História pela Universidade Federal de Ouro Preto. É professor e coordenador do Curso de História do Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas. Esteve à frente da Regional Norte da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR) de entre maio de 2015 e abril de 2017 e participa do Centro de Estudos Políticos, Religião e Sociedade (CEPRES) e da Rede de Pesquisa História e Catolicismo no mundo contemporâneo. E-mail: diegomarhistoria@yahoo.com.br.

ⁱⁱⁱ Um dos ofícios do Sacerdócio de Melquisedeque, a ordem maior do Sacerdócio. Os Élderes são, para a Igreja, “ministros de Cristo, chamados para administrar os assuntos espirituais da Igreja”.

^{iv} Cf. *Church Almanac apud* GRAHAL, Paulo R. “A Beleza de Ipoméia”. In: *A Liahona*. Março de 2016. p. 09.

^v Nos Censos Demográficos os dados para os Mórmons estão disponíveis apenas a partir de 2010. Nesse ano, os números de fiéis computados para A Igreja dos Santos dos Últimos Dias ao Brasil são os seguintes: 226.509 para o Brasil (o que corresponde a 0,12% da população), 17550 para a Região Norte (0,11%), 8.539 para o Amazonas (0,25%) e 68 para Parintins (0,07%).

^{vi} A Sociedade de Socorro foi organizada por Joseph Smith em 17 de março 1842, Emma Smith esposa de Joseph Smith tornou-se a primeira presidente da Sociedade de Socorro, hoje uma das maiores organizações femininas do mundo (Revista *A Liahona*, outubro de 2009).

^{vii} A PAZ e a violência entre os membros da Igreja no Século 19. Disponível em <https://www.lds.org>.

^{viii} NELSON, Russell M. “Ensinaí-nos tolerância e amor”. Disponível em <https://www.lds.org>.

^{ix} OAKS, Élder Dallin H. “Amar os outros e conviver com as diferenças”. Disponível em <https://www.lds.org>.

^x HALES, Élder Robert D. “Preservar o arbítrio, proteger a liberdade religiosa”. Disponível em <https://www.lds.org>.

^{xi} CHRISTOFFERSON, Élder D. Todd. “Declaração pública sobre liberdade religiosa e não discriminação”. Disponível em <https://www.lds.org>.

^{xii} Idem.

^{xiii} NASCIMENTO, Fábio. “A importância do direito à liberdade religiosa”. Disponível em <https://www.lds.org>.

^{xiv} NASCIMENTO, Fábio. “Devemos combater a intolerância religiosa”. Disponível em <https://www.lds.org>.

Recebido em: 26/05/2017.

Aprovado em: 02/07/2017.

Publicado em: 28/08/2017.